

## SIAL: análise da produção agroalimentar a partir de um aporte territorialista e multidisciplinar

Larissa Bueno Ambrosini <sup>1</sup>  
Eduardo Ernesto Filippi <sup>2</sup>  
Lovois de Andrade Miguel <sup>3</sup>

*Dentre as abordagens localistas que emergem nos anos 1990, “inspiradas” por uma revisão das teorias sobre os Distritos Marshallianos, está a noção de Sistemas Produtivos Localizados (SPL) e Sistemas Agroalimentares Localizados (SIAL). Desenvolvida pela escola francesa, a noção de SIALs será concebida, tanto como ferramenta teórica, de compreensão de realidades em zonas rurais, quanto como base para projetos de desenvolvimento em áreas, igualmente rurais, consideradas marginalizadas em termos econômicos na América Latina. Paradoxalmente, no Brasil o SIAL ainda é pouco utilizado e, mesmo, de uso restrito. Nosso artigo visa uma revisão teórica em torno dos conceitos mobilizados pelos SPL, particularmente pelos SIALs, como território, identidade, história, savoir-faire, relações sociais, organizados em três eixos de análise - (i) dimensão histórica, (ii) dimensão técnico-teórica, (iii) dimensão institucional, os quais sugerimos enquanto forma de aproximação entre teoria e campo empírico.*

*Sistemas Produtivos Localizados (SPLs); Sistemas Agroalimentares Localizados (SIALs); Território.*

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Econômicas e de Gestão (Université d’Auvergne - França). Département Qualité et Économie Alimentaires. ENITA Clermont. larissabueno@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Economia Política (Université de Versailles - França). Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS. edu\_292000@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutor em Agronomia (Instituto Nacional Agrônômico - França). Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – UFRGS. lovois@ufrgs.br

## 1 Introdução

Um aspecto que marca fortemente os estudos contemporâneos sobre o papel da atividade agrícola e do espaço rural são as dinâmicas localizadas, onde se inserem perspectivas como a dos SPLs (Sistemas Produtivos Localizados) e SIALs (Sistemas Agroalimentares Localizados). Em comum, a opção pelo território como chave para a compreensão de dinâmicas econômicas, mas, também, sociais.

Propomos, através de nossa comunicação, aproximar o referencial do debate acadêmico brasileiro. Trata-se de uma ferramenta ainda de uso restrito no país, entretanto, capaz de aportar contribuições, tanto na compreensão de realidades produtivas/rurais, quanto na instrumentalização de projetos de desenvolvimento em nosso país. Pois, como Requier-Desjardins, Boucher e Cerdan (2003) sustentam, existe uma dinâmica de desenvolvimento de pequenas agroindústrias em países em desenvolvimento, as quais requerem esforços na coleta e análise de dados para identificação de SPLs organizados em torno de pequenas propriedades e unidades de produção artesanais. O caso da produção de queijo na região de Nossa Senhora da Glória, em Sergipe (CERDAN; SAUTIER, 2002a, 2002b; ABRAMOVAY, 2003; MUCHNIK; BIENABIÉ; CERDAN, 2005), ou da região de Cajamarca, no Peru (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002; BOUCHER, 2004), são ilustrações profícuas, no sentido de demonstrar o potencial da atividade na geração de externalidades positivas<sup>4</sup> (BILLADOUT, 2002) através da produção do queijo, por exemplo, sendo cada sistema muito distinto.

O aporte teórico em questão, em particular o SIAL, parte de uma postura claramente multidisciplinar, onde o espaço físico, questões culturais e relações sociais devem ser levados em consideração, o que complexifica sua operacionalização. Nosso trabalho pretende propor uma forma de operacionalizar a noção de SIAL partindo de suas dimensões analíticas, situadas a montante, propostas por Muchnik (2006a). Combinamos, a tais dimensões, a noção de territorialidade de Pecqueur (1992), composta por quatro elementos: sentimento de pertencimento; transmissão dos saberes implicitamente entendidos como um patrimô-

---

<sup>4</sup> Efeitos positivos, e nem sempre esperados, de uma atividade econômica.

nio cultural da comunidade; efeito permanente e importância dos atores individuais.

A aproximação entre o objeto de estudo e as noções mobilizadas pelo referencial teórico passaria, então, pela identificação e caracterização das seguintes dimensões, as quais servirão para compor as divisões na forma como o trabalho será apresentado:

(i) **dimensão histórica**, através da qual se pode apreender o processo de formação das experiências investigadas e o sentimento de pertencimento, bem como sua possível influência nos comportamentos de cooperação e concorrência entre os atores;

(ii) **dimensão técnico-teórica**, centrada na observação, descrição e análise dos saberes e técnicas utilizadas, bem como no saber-fazer compartilhado como um ativo da comunidade;

(iii) **dimensão institucional**, onde são analisadas as relações entre os atores sociais, através de suas estratégias individuais e coletivas, e onde o efeito prolongado é visto como uma estratégia dos atores.

Antes de abordarmos, porém, cada uma das “dimensões”, far-se-á uma revisão teórica sobre os SPL/SIAL, seguida de uma breve discussão em torno do conceito território, discussão subjacente, mas essencial, na instrumentalização do referencial.

## 2 SPL/SIAL: uma agenda de pesquisa multidisciplinar

A noção de distritos industriais de Alfred Marshall, aplicada a diferentes contextos e agrupamentos de atividades, deu origem a duas escolas principais: a anglo-saxã, que se utiliza do conceito de *clusters*, e a francesa, que desenvolveu a abordagem dos SPLs. De acordo com Benko, Dunford e Lipietz (1996), a revisão da teoria marshalliana dos distritos industriais marca um rompimento com o estruturalismo global e com a teoria determinista do desenvolvimento ‘à la Rostow’<sup>5</sup>, onde o ponto de partida, *sans conteste*, foram as pesquisas de Arnaldo Bagnasco, Carlo

---

<sup>5</sup> Vide Rostow (1960) e seus “estágios de desenvolvimento”.

Trigilia, Sebastiano Brusco e Giacomo Becattini sobre a “Terceira Itália”.

O conceito de distrito industrial foi retomado para explicar a dinâmica de crescimento de algumas regiões do norte da Itália, onde os recursos “territoriais” estariam baseados, sobretudo, no estabelecimento de redes sociais e da confiança construída pelos atores através da sua identificação com o território. A tessitura social do espaço é posta em evidência como relevante para os resultados econômicos do território.

O conceito de distrito industrial, agora, é redefinido como uma entidade socioterritorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas em um espaço geográfico e histórico dado. Na noção de distrito (...) há uma tendência à osmose perfeita entre comunidade local e empresas (BECATTINI, 1992, p.36, tradução nossa<sup>6</sup>).

A partir de então, diversos autores, especialmente os franceses, desenvolvem a noção de SPL. A proximidade geográfica nesse tipo de arranjo diminuiria os custos de transação, favorecendo a confiança entre os agentes e a organização em torno de um espírito de “concorrência-cooperação”. A identidade territorial, que funcionaria como mediador e facilitador das relações entre os agentes, não é apenas uma condição já estabelecida, sendo construída pela ação coletiva dentro dos processos de formação do SPL, favorecida pelo compartilhamento de valores comuns, hábitos, experiências históricas, identidade, e pelas relações de confiança (PECQUEUR, 1992; BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002; REQUIER-DESJARDINS; BOUCHER; CERDAN, 2003).

Assim, os SPLs seriam dinamizadores de externalidades específicas, tais como a integração territorial, as articulações técnicas e tecnológicas em torno da produção de um mesmo produto e a cooperação e troca de informações (AZEVEDO, 1996).

---

<sup>6</sup> *Ils redéfinissent alors le concept de ‘district industriel’ comme ‘une entité socioterritoriale caractérisée par la présence active d’une communauté de personnes et d’une population d’entreprises dans un espace géographique et historique donné. Dans le district, [...], il tend à y avoir osmose parfaite entre communauté locale et entreprises’*

Dentro desse enfoque, o SIAL aparece como forma particular de Sistema Produtivo Localizado, ao qual está relacionada a existência de uma concentração espacial de agroindústrias locais (AIR) (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002).

Segundo Muchnik (2006a), a noção de SIAL é resultado de uma construção progressiva e contínua por parte de pesquisadores interessados em compreender tais transformações produtivas, além de instrumentalizar projetos de desenvolvimento diversos daqueles baseados na produção de *commodities*. O enfoque SIAL decorre de projetos de investigação sobre o papel da agroindústria rural (AIR) na economia “camponesa”, particularmente em países da América Latina. As AIR seriam um meio pelo qual produtores rurais poderiam reter uma porcentagem maior do valor de seus produtos, através do seu processamento. Em outros termos:

*El objetivo planteado era claramente un objetivo de lucha contra la pobreza y la marginalización a través de la generación de ingresos. Además como estos campesinos se ubicaban en zonas de pequeñas fincas y tierras marginales, por ejemplo montañosas, desdeñadas por la agricultura comercial de exportación, la AIR podía contribuir a reducir la marginalización de estas zonas* (REQUIER-DESJARDINS, 2006a, p.10).

Dentro do processo de “construção teórica”, Muchnik (2006a) destaca a qualidade de articulação entre investigação e ação, a complementaridade entre as ciências sociais (sociologia, economia, antropologia) e as ciências técnicas e biológicas (agronomia, veterinária, fitopatologia, tecnologia de alimentos), que permitiriam compreender o papel das AIR, com relação a ocupação, ingressos e segurança alimentar em zonas e setores, tanto urbanos, quanto rurais, marginalizados em termos socioeconômicos.

Os SIALs são definidos como:

*[...] organizaciones de producción y de servicio (explotaciones agrícolas, empresas agroalimentarias, empre-*

*sas comerciales, restaurantes...) asociadas por sus características y su funcionamiento a un territorio específico. El medio ambiente, los productos, los hombres, sus técnicas, sus comportamientos alimentarios, sus instituciones, sus redes de relaciones, se combinan en un territorio produciendo una forma de organización agroalimentaria específica en una escala espacial dada (CIRAD-SAR, 1996 apud MUCHNIK, 2006b, p.97).*

Entretanto, o SIAL não será apenas uma “variedade” de SPL, pois (i) “[...] *el vínculo con el consumo, a través de la relación de proximidad física y biológica entre el consumidor y el producto, lo que explica la importancia de los procesos de calificación*”, e (ii) “[...] *el vínculo con los recursos naturales y, por lo tanto, con el medio ambiente*” permitem estabelecer elementos que particularizam o SIAL (REQUIER-DESJARDINS, 2006a, p.8).

Boucher (2006, p.9) reforça as especificidades sobre o objeto de estudo e as disciplinas mobilizadas no processo de investigação do SIAL:

*(i) los alimentos son los únicos bienes de consumo que se incorporan, en el sentido estricto de la palabra en el cuerpo. Partimos de la hipótesis que el rol de los alimentos en la construcción de las identidades individuales y colectivas es cualitativamente diferente al de otros bienes de consumo; (ii) los procesos de calificación de los productos locales adquieren en consecuencia características que son también específicas (criterios de calidad, formas de juzgar dicha calidad, competencias y representatividad de jueces y juzgados, entre otros) (iii) los SIAL están articulados de manera directa a las características biofísicas del territorio (y de la tierra) que le provee las materias primas, e intervienen directamente en la evolución de los paisajes y la gestión de los recursos naturales.*

A especialização do SIAL ocorre quando existe um saber-fazer específico, no qual um processo de transformação emerge de um espaço determinado e o relacionamento entre os atores é construído e influenciado

pela experiência histórica e por sua capacidade de identificação com um território específico (REQUIER-DESJARDINS; BOUCHER; CERDAN, 2003), que favorecem a solidariedade e a acumulação de um patrimônio cultural para a coletividade (AZEVEDO, 1996).

A partir da concentração de AIR, a construção de um recurso territorializado, originado por uma ação coletiva e coordenado localmente, permitirá ao SIAL a passagem de um estado passivo a um estado ativo, pois tal recurso permite valorizar a qualidade dos produtos e a relação destes com sua origem através de uma construção coletiva dos seus atributos (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002). Assim, as relações de produção que emergem dentro de um SIAL estarão enraizadas (*embedded*) em dupla rede e arranjas:

- a) horizontalmente, no plano territorial, envolvendo atividades agrícolas e não-agrícolas, instituições locais, saberes locais;
- b) verticalmente, em uma cadeia alimentar, com a comercialização, condicionando o mercado e o consumo.

Entretanto, os fluxos não são independentes, porque aludem a valores de qualidade e tipicidade. Esses não se baseiam apenas em características do processo de produção agrícola, mas, também, em características culturais e ambientais do território.

O território é compreendido como “[...] espaço construído histórica e socialmente, onde a eficiência das atividades econômicas é fortemente condicionada pelos laços de proximidade e de pertencimento ao lugar” (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002, p.4, tradução nossa<sup>7</sup>). Os SPLs permitem, assim, aprofundar os efeitos do território sobre as atividades, pois o “lugar” aparece como um recurso estratégico apreendido pelos atores econômicos (BOUCHER, 2004; MUCHNIK, 2006b).

Ao mesmo tempo, a “qualidade” será reconhecida pelo consumidor sempre que esse possa relacionar o produto a um tipo de manejo de recursos, a um processo de fabricação baseado em redes sociais, instituições locais e/ou saber-fazer específico (REQUIER-DESJARDINS; BOUCHER; CERDAN, 2003).

---

<sup>7</sup> “[...] *espace construit historiquement et socialement, où l'efficacité des activités économiques est fortement conditionnée par les liens de proximité et d'appartenance à cet espace.*”

As especificidades territoriais da produção relacionam o SIAL a um espaço, entendido como “socialmente constituído”. Através da construção social do espaço, é possível distinguir as especificidades de um produto, que se apresentam sob a forma de comercialização, pela paisagem rural, nos ofícios, modos de produção e saber-fazer desenvolvidos no espaço, pela constituição de um patrimônio cultural e gastronômico etc. Tais especificidades são chamadas “territoriais”, a partir do momento em que existe uma articulação entre as formas de produção e a forma de artificialização de um dado ecossistema, fundadas em uma identidade constituída e compartilhada historicamente.

### **3 O território dos Sistemas Agroalimentares Localizados**

O “território” pautará muitos dos estudos contemporâneos baseados em dinâmicas de desenvolvimento chamadas “endógenas”. A incorporação do “espaço local” em programas de pesquisa visa compreender trajetórias e desempenhos econômicos a partir da emergência de processos de reterritorialização da produção (LEVÉSQUE; BOURQUE; FORGES, 2001). As pesquisas baseadas em formas de desenvolvimento endógeno marcam, assim, a emergência do território como unidade de análise de arranjos econômicos, refletindo a crise do projeto “modernizador” que não considerou as particularidades do lugar como fator explicativo de desempenhos econômicos e mediador de dinâmicas específicas (SANTOS, 2003). Tais estudos ganham maior força em um momento no qual Navarro (2002) define como marcado pela “sensação” da “impossibilidade de desenvolvimento”. A partir de então, elementos como descentralização, flexibilidade de processos produtivos, participação dos atores, força dos laços sociais e cooperativismo aparecem no centro do discurso sobre “desenvolvimento”, tanto relacionado a estudos acadêmicos, quanto aos governos e órgãos internacionais de financiamento.

A utilização exaustiva do termo “território”, entretanto, passou a demandar esclarecimentos acerca do conceito em si, que justifiquem sua opção em termos teóricos. No debate brasileiro há uma tensão entre o território visto sob a perspectiva do desenvolvimento baseado em dinâmicas socioeconômicas localizadas e território “geográfico”

(SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004). Se a utilização do referencial SIAL poderia, em si, justificar o uso, julgamos pertinente trazer alguns elementos para discussão.

Ao reivindicar uma epistemologia para o território, Reis (2005, p.51) afirma que as ciências sociais ignoraram durante muito tempo a dimensão espacial. O autor utiliza o exemplo das teorias do equilíbrio geral, sustentando que foi a partir da tentativa de superação dessa falha a “que se formaram inúmeros programas de investigação que podemos designar como territorialistas”. Entretanto, a afirmativa só pode ser considerada se levarmos em conta apenas as teorias formadas a partir do *mainstream* econômico, pois, desde os anos 1800 o espaço faz parte das tentativas de construção de modelos econômicos, e o território, enquanto espaço apropriado, formado por relações sociais, já fazia parte das análises de Gustav Schmoller, em princípios dos anos 1900<sup>8</sup>.

O surgimento do conceito “território” na geografia ocorre no mesmo período da consolidação da geografia enquanto disciplina, tendo por base as teorias desenvolvidas por Ratzel. A base do território “ratzeliano” é o solo, pois no seu entendimento, “[...] a maior parte dos sociólogos estuda o homem como se ele tivesse sido formado no ar, sem relação com a terra” (Ratzel, 1900, p.4, tradução nossa<sup>9</sup>). O papel do solo, como o meio natural, seria um elemento a influenciar fortemente a história dos Estados e das sociedades, por conter em si o papel de prover habitação e alimentação. Decorre daí a noção de “espaço vital”, onde a proteção e, mesmo, movimentos de expansão do território, por parte do Estado, se legitimam. Ratzel (1900, p.8, tradução nossa<sup>10</sup>) chega a afirmar que “[...] essa necessidade de proteger o solo que é a razão de ser do Estado”. De Ratzel, destacamos uma de suas particularidades, a qual se constitui em um ponto de diálogo com o SIAL: o solo (ou a terra, ou ainda o meio natural) não sendo homogêneo, o que influenciaria, mas não determinaria, o desenvolvimento das sociedades.

---

<sup>8</sup> Para mais elementos sobre o debate entre o “território econômico” e o “território geográfico”, ver Ruckert (2004), Schneider e Tartaruga (2004); Ambrosini e Filippi (2007).

<sup>9</sup> “*la plupart des sociologues étudient l’homme comme s’il s’était formé en l’air, sans liens avec la terre.*”

<sup>10</sup> “*cette nécessité de protéger le sol que est la raison d’être de l’État.*”

Para a abordagem dos SIALs, porém, a base natural será uma das dimensões constituintes do espaço apropriado, o qual é entendido como “*una construcción social, que procede a la vez de un patrimonio ambiental y de un patrimonio cultural*” (LINK; LÓPEZ; CASABIANCA, 2006, p. 113). Será a interseção do meio ambiente e da identidade cultural que formará o território.

#### **4 Dimensão histórica: o território como *locus* de relações sociais**

Para os institucionalistas franceses, onde se inscrevem as perspectivas sobre SPLs e SIALs, o território será constituído enquanto o “*locus*” das relações sociais, base dos recursos naturais e meios de produção. Ao mesmo tempo que o sentimento de pertencimento e a valorização de identidades formadas por uma história compartilhada reforçam laços sociais, encontram-se subjacentes e dinamizando as atividades econômicas, o que leva Pecqueur (1992, p. 74, tradução nossa<sup>11</sup>) a afirmar que

[...] o território, resultante dessa configuração, emerge do reencontro de dois mundos : a sociedade (...) e a comunidade (...); em outros termos: da combinação entre relações estritamente comerciais e formas de cooperação fundadas pela confiança.”

A referência ao território representará, para a abordagem em questão, a possibilidade de compreender como o sentimento de pertencimento a um território, no qual se fundam as relações sociais, pode explicar, em alguma medida,

[...] *comportamientos económicos, difíciles de comprender si se consideran solamente los mecanismos de*

---

<sup>11</sup> “[...] *le territoire qui résulte de cette configuration émerge de la rencontre de deux mondes: la société (...), et la communauté (...) c’est à dire, en d’autres termes, de la combinaison entre des relations strictement marchandes avec des formes de coopération fondées sur la confiance.*”

*mercado. El proceso de territorialisation es en consecuencia un proceso material y cultural en el cual los individuos transforman el espacio que habitan guiados por representaciones y valores que les dan sentido a sus vidas en sociedad. (MUCHNIK, 2006a, p.7).*

O resgate da dimensão histórica permite-nos compreender valores identitários, compartilhados, os quais seriam a chave para explicar comportamentos cooperativos baseados na confiança.

Em primeiro lugar, o sentimento de pertencer a uma comunidade envolve o compartilhamento de valores sociais e culturais relacionados à história de um território. A partir da revisão dos distritos marshallianos, porém, o pertencimento ao local determina uma propensão à ação coletiva para o bem comum. Ou seja, ele passa a ter um valor funcional para a comunidade no momento em que os indivíduos percebem que as iniciativas de cooperação geram resultados virtuosos para a comunidade, passando, essas, a prevalecer sobre comportamentos competitivos dentro do território. Mas, para tanto, as relações devem estar alicerçadas sobre outro componente: a confiança. A confiança, a partir das abordagens localistas, surge do compartilhamento de valores e das relações sociais de longo prazo estabelecidas dentro da comunidade. Assim, as atividades econômicas estarão enraizadas (*embeddedness*) nas atividades sociais, determinando e favorecendo seus resultados.

A combinação de relações estritamente mercantis com relações de cooperação baseadas na confiança requer uma compreensão da atividade econômica inserida na tessitura social do espaço-território, onde o resgate da identidade cultural permite avaliar os processos de produção e trocas estando relacionados ao atendimento de necessidades, não individuais, mas comuns, onde o foco é a reprodução social, e não o lucro. Mas, além disso, é preciso entender as práticas como uma forma de reprodução econômica constituída historicamente, das quais emergem justificativas de ações que suplantam os “motivos econômicos” da teoria econômica neoclássica (POLANYI, 1977).

Enfim, o território será concebido como

[...] o lugar onde se organizam, voluntariamente ou de maneira espontânea, as formas de cooperação entre empresas, indivíduos e atividades. Ele é, definitivamente, o ponto de encontro entre formas de mercado e formas de regulação social (ABDELMAKI; COURLET, 1996, p. 14, tradução nossa<sup>12</sup>).

Nos Campos de Cima da Serra, no Sul do Brasil, o caso dos pecuaristas familiares produtores de Queijo Serrano ilustra o papel da identidade cultural na estratégia de reprodução econômica dos atores. Trata-se de criadores familiares de gado de corte, que, pressionados pela diminuição de suas áreas e, conseqüentemente, de sua escala de produção de novilhos, recorrem a outras fontes de renda para preservarem sua atividade, que consiste em seu modo de vida. Assim, a produção e venda do queijo, que era um produto de autoconsumo, tornou-se uma mercadoria de troca que atualmente representa uma importante estratégia de permanência das famílias no campo e de preservação da atividade pecuária de pequena escala e familiar. Note-se que, mesmo o queijo representando, em alguns casos, até 60% da renda no domicílios, os produtores não abdicam da criação de bovinos em favor da pecuária leiteira, o que é explicado por seus valores identitários (AMBROSINI, 2007).

Entretanto, se os recursos específico-territoriais são baseados em construções coletivas próprias de um espaço determinado, que seriam, por assim dizer, construções internas ao lugar, o território permite a mediação entre o indivíduo, o exterior e formas de coordenação onde é possível desdobrar múltiplas justificativas de ação: doméstica, mercantil, civil, industrial. Devido ao caráter abrangente, o efeito territorial aparece, então, como um recurso estratégico dos atores econômicos, o que é chamado de “territorialidade” (PECQUEUR, 1992).

Tal noção de território em Pecqueur poderia nos remeter à territorialidade aludida pelo geógrafo americano Robert Sack (1986), autor responsável pela recuperação da noção de território na geografia contemporânea. O poder também é o elemento central na sua análise. Todavia, para esse autor, a territorialidade é apreendida a partir da motivação

---

<sup>12</sup> “*le lieu où s’organisent, volontairement ou de manière spontanée, les formes de coopération entre les entreprises, les individus et les activités. Il est, en définitive, le point de rencontre entre les formes de marché et les formes de régulation sociale*”.

humana, e não mais ligada ao Estado, como em Ratzel, e está diretamente relacionada à tentativa de influenciar ou determinar processos, comportamentos ou acessos, inscritos em um espaço geográfico delimitado.

Nas abordagens dos SPL/SIAL, a análise da formação do recurso estratégico chamado “território” não costuma ser ampliada no concernente a relações de dominação, ficando muito mais restrita às relações de uso. O elemento ‘poder’ não costuma figurar substancialmente, e as relações sociais aparecem muito mais ligadas ao conceito de ‘capital social’, com foco, não em conflitos, mas apresentando-se como um ‘ativo’ da comunidade.

Entretanto, se a mobilização em torno da qualificação e valorização de um produto, cujo saber-fazer é de domínio da comunidade, pode gerar processos de ativação social, pois envolve os atores diretamente, a abordagem carece de estudos empíricos mais aprofundados sobre as dinâmicas vinculadas à hierarquização e diferenciação das rendas e à emergência de atores dominantes, bem como sobre a formação do que Requier-Desjardins (1999) chama de *bien de club*. Artigos recentes podem estar contribuindo para complexificar essas análises, levando em consideração tais processos de exclusão que se formam dentro de um SIAL, como signos de relações assimétricas (REQUIER-DESJARDINS, 2006a; REQUIER-DESJARDINS, 2006b) e, conseqüentemente, excludentes.

## **5 Dimensão técnico-teórica: interação com o meio ambiente enquanto patrimônio**

Decorrente dos processos de modernização agrícola e difusão técnica houve uma tendência à homogeneização de sistemas produtivos. Tal se faz sentir nos produtos agrícolas que, ao perderem suas características específicas, passam a serem tratados como *commodities*. Entretanto, os sistemas de alta produção não substituem ainda a diversidade de sistemas produtivos tidos como tradicionais. O caso dos queijos artesanais é exemplar:

*Si se toma el caso de la leche, considerado en general como un producto genérico, se vuelve también un recurso específico y un activo de los territorios: su consistencia, calidad y características estarán íntimamente relacionadas a las zonas de producción – el territorio y su saber -hacer estará condicionada por los actores que aquí se encuentran. Este recurso específico da así origen a toda una serie de quesos tradicionales conocidos por sus características que los consumidores relacionan a su territorio de origen (BOUCHER, 2006, p.6).*

Os queijos tradicionais, assim, são alimentos significativos, quando se busca a expressão de territorialidade, através de um produto. À produção de queijo, estão relacionados: um rebanho animal, um processo de produção de leite, um manejo alimentar, formas de associação entre produção animal e vegetal, processamento do leite e elaboração do queijo. Do tipo de animal utilizado e manejo alimentar, que representam o desenvolvimento de sistemas de criação adaptados a partir de um ecossistema e que influenciarão nas características do leite, aos processos de elaboração do queijo, há uma seqüência de conhecimentos e práticas diferenciadas que são mobilizadas e compartilhadas pelos agricultores. Nesse sentido, Link, López e Casabianca (2006) sustentam que os queijos devem ser analisados mais como processos do que como simples alimentos.

Os recursos ambientais, os conhecimentos e as tradições locais fazem com que os queijos, em sua diversidade, se constituam em produtos identitários, ao relacionar ambiente, práticas agrícolas e saber-fazer a uma cultura e uma comunidade. Em outros termos

*[E]l territorio es una construcción social que procede a la vez de un patrimonio ambiental y de un patrimonio cultural. Ambas dimensiones quedan estrechamente vinculadas una con otra por razones muy evidentes: un recurso natural no existe como tal y ni siquiera se reconoce si no se movilizan al mismo tiempo tanto los conocimientos técnicos como las instituciones, los valores sociales y las representaciones que condicionan su*

*aprovechamiento en un ámbito social dado. El término patrimonio es idóneo: sugiere una proyección temporal larga (un patrimonio se administra, se recibe e se transmite por herencia)* (LINK; LÓPEZ; CASABIANCA, 2006 p.105).

Se a base natural dos recursos é importante, pois determina, em alguma medida, as formas de artificialização do meio, especialmente quando tratamos de práticas tradicionais, os processos de “localização” dependem das práticas sociais subjacentes, as quais cumprem o papel de criar e transmitir conhecimentos que podem constituir o patrimônio de um território, através do saber-fazer compartilhado.

Assim, temos que um SIAL pode existir sob forma passiva, quando existe um potencial de valorização de um produto, ou um *panier de biens*, com forte *ancrage* territorial. Note-se que o processo de qualificação, ou valorização de um produto, apóia-se num saber-fazer tradicional, onde o alimento passa a ter um valor identitário, e o conhecimento público e partilhado de técnicas é visto como um patrimônio coletivo do território. A diferenciação dos produtos, seja tácita, ou reconhecida através de marcas coletivas, indicações geográficas ou denominações de origem, é percebida como uma maneira de valorizar a produção, especialmente em áreas consideradas marginais, onde traços identitários, saber-fazer e elementos históricos foram/são preservados (BARHAM, 2003).

Assim, por exemplo, as primeiras cooperativas de leite na região de Emilia, na Itália, onde o queijo Parmigiano Reggiano é produzido, começaram a ser organizadas entre os anos de 1890 e 1910, e rapidamente adquiriram um padrão característico de processamento que diferencia o Parmigiano Reggiano de outros queijos. O êxito dos empreendimentos em torno do queijo, entretanto, é atribuído ao fato de que “*all those involved with manufacture of the cheese have entered into a collective agreement to keep specific production regulations*” (ROEST; MENGHI, 2000, p.440).

Veremos, na seção seguinte, que o processo de valorização de uma técnica tradicional, enquanto recurso patrimonial e fonte de ativação social de um território, dependerá principalmente do contexto institucional.

## 6 Dimensão institucional: comunidade e indivíduos

O nível teórico da abordagem dos SPL/SIAL nos traz o conceito que relaciona uma concentração de AIR a um espaço geográfico, um saber-fazer específico e uma identidade cultural. O conceito, entretanto, não pretende se fundar como um modelo, mas como uma perspectiva capaz de auxiliar na representação de fenômenos, sendo a diversidade um de seus traços. Cada SIAL se difere por sua história, pelo tipo de produtos e atividades relacionadas, pela sua localização, pela inserção no mercado, por sua organização econômica e social, e por sua articulação com o território (MUCHNIK, 2002 *apud* BOUCHER, 2004).

A relação do produto com o território, enquanto uma forma de artificialização de um ecossistema, pode ser analisada através das dimensões histórica e técnico-teórica. O produto, entendido como patrimônio, é a expressão de um modo de organização econômica e social desenvolvido por indivíduos ligados entre si por uma história comum. Se o efeito da localização se expressa no produto através de suas características sensoriais, a territorialidade, compreendida como uma dimensão espacial permanente, deve analisar a forma de organização através das estratégias de ação dos indivíduos, examinando “[...] em que medida o sentimento de pertencimento a um território influenciará na conduta (racionalidade) do indivíduo” (PECQUEUR, 1992, p.81, tradução nossa<sup>13</sup>).

A existência de valores compartilhados, no entanto, não diminui a importância dos atores individualmente, pois

*[e]l tipo de mercado, las normas de calidad exigidas, las reglas comerciales, condicionan de manera importante la organización social, las formas de coordinación y las estrategias de los productores. Cumplir, por ejemplo, con los requerimientos de calidad para la exportación de “café orgánico” obliga a que los productores se organicen, ya que es prácticamente imposible afrontar individualmente estos desafíos. En otros casos la necesidad de organización no es tan perentoria, conduciendo a sistemas en los cuales coexisten pro-*

<sup>13</sup> “[...] dans quelle mesure le sentiment d'appartenance à un territoire va influencer sur la conduite (la rationalité) de l'individu.”

*ductores organizados y productores con estrategias más individualistas, es el caso de muchos “quesos típicos” con mercados locales y nacionales (MUCHNIK, 2006a, p.15).*

Assim, a partir de uma identidade compartilhada pelos indivíduos em comunidade, percebemos que as relações mercantis podem sofrer a influência dos laços sociais, que favoreceriam ações conjuntas, mas não necessariamente. A operacionalização da dimensão institucional passa pela observação de tais vínculos e pelas formas como eles se materializam, através do olhar sobre os indivíduos em suas diferentes trajetórias.

É preciso ressaltar, porém, que o risco de centrar-se, de tal forma, no papel dos atores e em suas capacidades de reação e adaptação frente a processos externos, é o de reservar ao Estado apenas um papel acessório (RUCKERT, 2004). Ainda, relações assimétricas entre atores e grupo de atores podem transformar um patrimônio coletivo num *bien de club*, onde a imagem positiva de um produto beneficia poucos.

Encontramos situação semelhante no Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, onde existe uma situação de conflito entre vinícolas e produtores de uva, decorrente dessa assimetria:

*Las vinícolas familiares, cuyo origen es la propia agricultura familiar, imponen a los agricultores que no formaran sus vinícolas una relación que tiende a excluir los que no fueren capaces de establecer nuevos padrones tecnológicos y productivos (FLORES, 2006, p. 22).*

O autor sublinha que, dentro de um contexto marcado pela ausência de movimentos sociais, a formação de novas elites, mesmo tendo origem no grupo social majoritário, pode não ser suficiente “[...] *puede no conseguir producir los factores necesarios para un desarrollo territorial sostenible*” (FLORES, 2006, p.23). Assim, o autor defende a presença do Estado no processo, como agente regulador.

Por outro lado, o exemplo das queijarias de Cajamarca no Peru ilustra uma concertação de atores de diferentes setores da economia em torno

da ativação de um recurso territorial específico, qual seja, o saber-fazer de um queijo tradicional. A criação de uma associação entre os atores da cadeia de produção e de uma marca coletiva reforçou não apenas o comportamento cooperativo entre produtores de leite e queijo, mas, também, a visão multifuncional da “[...] *‘canasta de bienes y servicios’ que permite ofrecer y articular diferentes productos del territorio y servicios como diferentes formas de turismo alternativo con participación de los actores locales*” (BOUCHER, 2006, p. 19).

### **6.1 Conformação de um SIAL**

A conformação de um SIAL, no que tange às redes de produção e comercialização, passa pela identificação dos atores, bem como de suas relações, as quais serão influenciadas por laços de proximidade e pertencimento a um espaço. O SIAL trabalha a noção de cadeia agroalimentar, através da análise do fluxo de produto a jusante e do fluxo de insumos e matérias-primas a montante. As trocas, todavia, são influenciadas por relações sociais, onde a representação dos recursos naturais, bem como dos valores intangíveis percebidos pelo consumidor, o distinguem da noção de *supply chain*.

Dessa forma, temos que as relações a montante, entre o setor agrícola, “[...] implicam uma relação entre o território (*terroir*) e os recursos naturais”, e as relações a jusante, com os consumidores, se formam “[...] através de canais de comercialização atentos à questão da qualificação de produtos, os quais são baseados, justamente, em relações específicas entre consumidores e produtos” (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002, p.4, tradução nossa<sup>14</sup>).

A verticalidade de um SIAL diz respeito aos processos envolvidos até a comercialização e remuneração do produto no mercado consumidor. As relações horizontais, por outro lado, se apresentam no nível territorial, envolvendo atividades agrícolas e não-agrícolas, instituições locais, saberes locais, entre outros. O que salientamos do aporte, e que une ou se constitui como o ponto nodal de cruzamento, onde as relações a jusante e a montante e as horizontalidades se interceptam é o território.

---

<sup>14</sup> “*impliquent une relation avec le terroir e les ressources naturelles [...]*”; “[...] *à travers de la filières qui pose la question de la qualification des produits, basée justement sur les relations spécifiques des consommateurs avec les produits.*”

“Tais laços fazem referência, notadamente, às relações produto-território, e se estabelecem por signos de qualidade ligados à origem, às especificidades dos produtos e ao patrimônio ao qual evocam” (BOUCHER; REQUIER-DESJARDINS, 2002, p.4, tradução nossa<sup>15</sup>). O produto, assim, refere-se a “valores” como qualidade e tipicidade, que não se baseiam apenas em características da matéria-prima utilizada ou do processo de produção agrícola, mas, também, às características culturais e ambientais do espaço, e à forma como a atividade está organizada. A “qualidade” de um produto, por exemplo, ligado ao comércio solidário o distingue dos demais à medida que ele possa estabelecer relações éticas (vinculadas à preservação ambiental, redes sociais, saber-fazer específico, entre outros) em torno de si.

No caso de produtos tradicionais, o efeito permanente, ligado à noção de territorialidade, é entendido como o enraizamento histórico de uma produção determinada, o qual alude à dimensão identitária do alimento. Entretanto,

*[e]l desafío no consiste en “volver a las tradiciones” sino en apoyarse en las mismas para reinventarlas, para conferir modernidad a las tradiciones. Volver a hacer un jamón de calidad a partir de una raza de cerdos locales, relativamente “olvidada”, implica un proceso de innovación en el plano técnico, social y económico. Implica la organización de proyectos en torno a los cuales los actores territoriales se organizan y se concertan de manera a pilotear el proyecto en tiempo real y a replantear / renegociar los objetivos en caso necesario (MUCHNIK, 2006a, p.16).*

Tomamos, novamente, o exemplo do Queijo Serrano, para ilustrar a importância dos atores individuais e a forma como o efeito permanente se materializa no território. O queijo é produzido desde o estabelecimento dos primeiros habitantes não indígenas nos Campos de Cima da Serra, o que data de cerca de 200 anos. O efeito prolongado, no entanto,

---

<sup>15</sup> “Ces liens font notamment référence aux relations produit-terroir et s’établissent par les signes de qualité liés à l’origine, aux spécificités des produits et à leur contenu patrimonial.”

diz respeito à alteração do papel da atividade no sistema de produção de novilhos. Sendo a renda da venda de animais sazonal, esta é utilizada para custear as despesas da propriedade, enquanto o dinheiro da venda do queijo é usado para custear as despesas diárias da família. Ou seja, os pecuaristas familiares, num ambiente de cooperação frágil, onde ações conjuntas e apoio externo são incipientes, recorrem a uma capacitação de domínio comunitário, a qual repousa no saber-fazer do Queijo Serrano, como uma estratégia para preservar a atividade que representa seu modo de vida, qual seja a bovinocultura de corte (AMBROSINI, 2007).

## 7 Considerações finais

À guisa de conclusão, ressaltamos a abordagem dos SPL/SIAL enquanto referencial para análise de dinâmicas endógenas que inscrevemos em um paradigma de desenvolvimento rural sustentável. Se o debate acerca do que orienta processos de desenvolvimento rural, contemporaneamente, leva – e deve levar – em consideração a produção agrícola, deverá considerar também as dimensões sociais, ambientais e econômicas sob outra perspectiva, que não apenas o aumento de produtividade.

Nesse sentido, a perspectiva dos SIALs pode contribuir no debate, pois (i) traz subjacente a si o conceito de território, permitindo a operacionalização em sua multiplicidade de aspectos; (ii) possibilita complexificar a análise de arranjos econômicos, privilegiando as relações sociais que lhes servem de sustentáculo e/ou mediação; (iii) ao considerar as dimensões históricas, técnicas e institucionais, a abordagem permite analisar a produção agrícola e o consumo alimentar também em sua esfera simbólica, valorizando a organização social, o saber-fazer e a sustentabilidade ambiental de um produto agrícola determinado; (iv) tal enfoque possibilita o estabelecimento de vínculos entre o produto e seu território, de forma a que o mesmo seja tratado/analísado enquanto um patrimônio dos indivíduos que constituem esse espaço.

Entretanto, se os autores acentuam as análises na capacidade de *agency* de comunidades, no sentido de valorizar capacitações territoriais como forma de melhorar a renda dos atores locais, preservando elementos culturais e naturais, as análises sobre processos de exclusão

ainda requerem maiores esforços. Os elementos que compõem a noção de territorialidade podem auxiliar em processos de cooperação entre os atores, mas o estabelecimento de normas exige um diagnóstico institucional cuidadoso, para que o processo seja revertido em benefício comum.

Ainda, a complexificação analítica a que se propõe a noção pode ser tanto uma virtude, quanto uma fragilidade, no que concerne à sua operacionalização. Neste artigo revimos conceitos chave em nível teórico, abrigando-os sob as dimensões que comporiam o SIAL a montante, propondo-os como uma forma de aproximar a noção do campo empírico. Temos presente, no entanto, que tal divisão é arbitrária, e os limites de cada dimensão não são precisos, nem estanques. Apenas exemplificando, como vimos, o sentimento de pertencimento é ligado a valores identitários, os quais podem ter influência sobre formas de organização social, relacionadas à dimensão institucional. Nosso objetivo, assim, foi o de apresentar elementos que devem ser identificados no “terreno” e posteriormente analisados, se há intuito de compreender determinada realidade à luz da noção SIAL.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Agradecemos aos pareceristas anônimos pela leitura e pelas sugestões aportadas.

## 8 Referências

ABDELMAKI, L.; COURLET, C. Introduction. In: *Les Nouvelles Logiques du Développement*. Paris: L'Harmattan, 1996. p.11-21.

ABRAMOVAY, R. *O Futuro das Regiões Rurais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

AMBROSINI, L.B.; FILIPPI, E.E. 'Território', um diálogo multidisciplinar, a partir da economia-ecológica, na legitimação de sistemas de produção territoriais em áreas rurais marginalizadas. In: CONGRESO EUROPEO DE LATINO-AMERICANISTAS, 5, Bruxelas. *Anais...* Bruxelas: CEISAL, 2007.

AMBROSINI, L.B. *Sistema Agroalimentar do Queijo Serrano: estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares dos Campos de Cima da Serra - RS, 2007*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

AZEVEDO, B. Développement Local: Industrie, Famille et Territoire. In: ABDELMAKI, L.; COURLET, C. (Org.). *Les Nouvelles Logiques du Développement*. Paris: L'Harmattan, 1996. p.189-203.

BARHAM, E. Translation Terroir: The Global Challenge of French AOL Labeling. *Journal of Rural Studies*, n. 19, p.127-138, 2003.

BECATTINI, G. Le District Marshallien: une Notion Sócio-économique. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Org.). *Les Régions qui Gagnent*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992. p.35-55.

BENKO, G.; DUNFORD, M.; LIPIETZ, A. Les Districts Industriels Revisités. In: PECQUEUR, B. (ed.). *Dynamiques Territoriales et Mutations Économiques*. Paris: L'Harmattan, 1996. p.119-34.

BILLAUDOT, Bernard. Patrimoines Productifs, Secteur et Territoire. *Géographie, Économie, Société*, v. 4, p.259-303, 2002.

BOUCHER, F. Agroindustria Rural y Sistemas Agroalimentarios Locales: Nuevos enfoques de Desarrollo Territorial. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL - "ALIMENTACIÓN Y TERRITORIOS", 3, Baeza (Jaén). *Comunicaciones...* Baeza: GYS SYAL, 2006.

BOUCHER, F. *Enjeux et Difficultés d'une Stratégie Collective d'activation des Concentrations d'agro-Industries Rurales, Le Cas des Fromageries Rurales de Cajamarca, au Pérou*. Tese (Doutorado em Economia) C3ED, Université de Versailles, Saint-Quentin-en-Yvelines, Paris, 2004.

BOUCHER, F. ; REQUIER-DESJARDINS. D. La Concentration des Fromageries Rurales de Cajamarca: Enjeux et Difficultés d'une Stratégie Collective d'Activation Liée à la Qualité. In: COLLOQUE SYAL, Montpellier. *Actes...* Montpellier: GYS SYAL, 2002.

CENTRE DE COOPÉRATION INTERNATIONALE EN RECHERCHE AGRICOLE POUR LE DÉVELOPPEMENT. *Systèmes Agro-Alimentaires et Ruraux. Systèmes Agroalimentaires Localisés: Organisations, Innovations et Développement Local.* Montpellier: CIRAD-SAR, 1996.

CERDAN, C. ; SAUTIER, D. Construction Territoriale de la Qualité des Produits de l'Élevage dans le Nordeste Brésilien. In: COLLOQUE SYAL, Montpellier. *Actes...* Montpellier: GYS SYAL, 2002a.

CERDAN, C.; SAUTIER, D. Construção e Desenvolvimento dos Territórios Rurais: Sistemas de Produção de Queijo em Sergipe. In: SABOURIN, E.; TEIXEIRA, O.A. (org). *Planejamento e Desenvolvimento dos Territórios Rurais.* Brasília: Embrapa, 2002b. p.131-42.

FLORES, M. X. Desarrollo territorial, exclusión e inclusión social – el caso del Vale dos Vinhedos en Brasil. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL - "ALIMENTACIÓN Y TERRITORIOS", 3, Baeza (Jaén). *Comunicaciones...* Baeza: GYS SYAL, 2006.

LEVÉSQUE, B. ; BOURQUE, G.L. ; FORGES, E. *La Nouvelle Sociologie Économique: Originalité et Diversité des Approches.* Paris: Desclée de Brouwer, 2001.

LINK, T.; LOPEZ, E.B.; CASABIANCA, F. La Calificación de los Alimentos como Proceso de Patrimonialización de los Recursos Naturales. In: MACÍAS, A.A et al. (org.). *Agroindustria Rural y Territorio: Los Desafíos de los Sistemas Agroalimentarios Localizados.* Toluca: Universidad Autonoma del Estado do Mexico, 2006. p.103-125.

MUCHNIK, J. Sistemas Agroalimentarios Localizados: Evolución del Concepto y Diversidad de Situaciones. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL - "ALIMENTACIÓN Y TERRITORIOS", 3, Baeza (Jaén). *Comunicaciones...* Baeza: GYS SYAL, 2006a.

MUCHNIK, J. Identidad Territorial de los Alimentos: Alimentar el Cuerpo Humano y el Cuerpo Social. In: MACÍAS, A.A et al. (Org.). *Agroindustria Rural y Territorio: Los Desafíos de los Sistemas Agroalimentarios Localizados.* Toluca: Universidad Autonoma del Estado do Mexico, 2006b. p.79-101.

MUCHNIK, J., 2002. Les systèmes agroalimentaires localisés. In: COLLOQUE SYAL, Montpellier. *Actes...* Montpellier: GYS SYAL, 2002.

- MUCHNIK, J.; BIENABÉ, E.; CERDAN, C. Food Identity / Food Quality: Insights from the 'Coalho' Cheese in the Northeast of Brazil. *Antropology of Food*, v. 4, maio, 2005.
- NAVARRO, Z. Desenvolvimento Rural no Brasil: os Limites do Passado e os Caminhos do Futuro. *Revista Estudos Avançados*, v.16, n.44, 2002. CD-ROM.
- PECQUEUR, B. Territoire, Territorialité e Développement. In: COLLOQUE INDUSTRIE ET TERRITOIRE: LES SYSTEMES PRODUCTIFS LOCALISES, Grenoble. *Actes...* Grenoble: IREP-D, 1992.
- POLANYI, K. *The Livelihood of Man*. Ed. por PEARSON, H.W. New York: Academic Press, 1977.
- RATZEL, F. *Le Sol, la Société et l'État*. 1900. Disponível em: [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html). Acesso em: 05 nov 2005.
- REIS, J. Uma Epistemologia do Território. *Sociedade e Agricultura*, v. 13, n. 1, p.51-74, 2005,
- REQUIER-DESJARDINS, D. Alternativas de Desarrollo Local para el Combate de la Pobreza y de la Exclusión Social. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL - "ALIMENTACIÓN Y TERRITORIOS", 3, Baeza (Jaén). *Comunicaciones...* Baeza: GYS SYAL, 2006a.
- REQUIER-DESJARDINS, D. Agroindustria Rural, Acción Coletivas e SIALES: desarrollo o lucha contra la pobreza? In: MACÍAS, A.A. et al. (org.). *Agroindustria Rural y Territorio: Los Desafios de los Sistemas Agroalimentarios Localizados*. Toluca: Universidad Autonoma del Estado do Mexico, 2006b. p.3-29.
- REQUIER-DESJARDINS, D.; BOUCHER, F.; CERDAN, C. Globalization, Competitive Advantages and the Evolution of Production Systems: Rural Food Processing and Localized Agri-food Systems in Latin American Countries. *Entrepreneurship and Regional Development*, v. 15, n 1, p.49-67, 2003.
- REQUIER-DESJARDINS, D. *Agro-Industria Rural y Sistemas Agroalimentares Localizados: Cuales Puesta?* Quito: PRODAR, 1999. Disponível em <http://www.prodar.org/cd.htm>
- ROEST, K de. MENGHI, Alberto. Reconsidering the "Tradicional Food": The Case of Parmigiano Reggiano Cheese. *Sociologia Ruralis*, v. 40., n. 4., p. 439-451, 2000.
- ROSTOW, W.W. *The stages of economic growth: a non-comunist manifest*. London: Cambridge University Press, 1960.

RÜCKERT, A.A. Reforma do Estado, Reestruturas Territoriais, Desenvolvimento e Novas Territorialidades. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES, Canoas. *Anais...* Porto Alegre; Canoas: Programa de Pós-Graduação em Geografia-Ufrgs; Curso de Geografia-Ulbra, 2004.

SACK, R. *Human Territoriality: Its Theory and History*. Londres: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, M. A Periferia está no Pólo: o Caso de Lima, Peru. In: *Economia Espacial*. São Paulo: Edusp, 2003. p.75-124.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I.G.P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. *Raízes*, v. 23, n.1 e 2, p. 99-116, 2004.

**Artigo recebido para publicação em:**

27 de junho de 2008.

**Artigo aceito para publicação em:**

06 de agosto de 2008.

**Como citar este artigo:**

AMBROSINI, L.B.; FILIPPI, E.E.; MIGUEL, L.A. SIAL: análise da produção agroalimentar a partir de um aporte territorialista e multidisciplinar. **Revista Ideas - Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 6-31, jan.-jun. 2008.